



**CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS
“PAULINO SOARES DE SOUSA”
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

HISTÓRIA E TRADIÇÃO DA MÚSICA MILITAR

Vinicius Mariano de Carvalho

Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas Paulino Soares de Sousa, da UFJF
Doutor em Línguas Românicas pela Universidade de Passau - Alemanha
Regente

vinicius@acessa.com

Parece que a música estava ligada às ações militares desde tempos muito remotos, não apenas como meio de comunicação no campo de batalha, como também como elemento psicológico, animando as tropas e atemorizando os inimigos.

Isto podemos constatar já na Bíblia, quando no capítulo 6 do livro de Josué se descreve a batalha que este empenha em Jericó contra os Cananeus. Neste trecho bíblico, ao som das trompas construídas com chifres de carneiros, o *shofar*, as muralhas de Jericó, com mais de 7 metros de altura cedem, ao som destas trompas, e Josué conduz seus homens à vitória.

Entre os gregos não era muito diferente a situação. Este povo acreditava que cada modo de escala musical imitava um afeto humano, e portanto tinha também a capacidade de provocá-lo. A isso davam o nome de *ethos*. Quando se queria provocar a paixão, se escolhia um tipo de modo, a piedade, outro e conseqüentemente a guerra também devia ser imitada e movida por um modo. Em algumas obras da literatura grega vemos referência aos músicos acompanhando as batalhas ou as marchas. Para estas marchas triunfais sabe-se que o ritmo que as conduzia era chamado de *Embateri*. Os instrumentos

utilizados eram o aulos (parecido com um clarinete rústico) e a tromba, além dos tambores.

Em Roma, nação mais beligerante e conquistadora, a música militar era mais organizada. Três instrumentos de sopro faziam parte dos músicos da tropa, classificados pelo nome geral de *tromba*. Eram eles: *Tuba* (tromba reta), *buccina* (tromba curva) e o *cornu*. Um concerto com os três instrumentos se chamava *classicum sonare*. A eles se uniam os tambores. Esses músicos tinham o título de *Aeneatores* e celebravam um dia festivo apenas para eles, era o 23 de maio, chamado de *tubilustrum*.

Outros povos antigos, que muitas vezes lutaram contra os romanos, também tinham sua música e instrumental próprios. Os bardos, por exemplo, utilizavam a harpa, o crotalo e a cornamussa. Esta última conhecida entre nós com o nome de gaita de foles e incorporada à tradição da música militar na Inglaterra e Escócia.

Na idade média o maior movimento militar que se conheceu foram as Cruzadas. Ao que parece, ainda que a música fosse encontrada nas cortes e nas igrejas européias deste período, no campo de batalha ela não era utilizada. Os Cruzados introduzem a música no campo de batalha depois do contato com os Sarracenos, seus inimigos, que utilizavam a música no campo de batalha tanto para transmitir ordens e designar formações de combate como para causar pavor e medo nos inimigos e ânimo nos soldados. Os instrumentos dos Sarracenos eram o *anafil*, um tipo de corneta possante, o *tabor*, um pequeno tambor, e os *naker*, outra percussão usada em pares. Estes três foram logo copiados pelos Cruzados e no *Itinerarium Regis Anglorum Richardis I*, uma história da terceira Cruzada publicada em 1648, se relata o uso de trompetes pela Cavalaria cristã em uma batalha travada na Síria no ano de 1191. Quando os Cruzados retornaram para a Europa levaram consigo não apenas instrumentos, mas também a idéia de se utiliza-lo nos combates. Como muitos foram depois absorvidos em exércitos feudais, disseminaram muito rapidamente a prática da música marcial. A partir de então, músicos passaram a acompanhar as tropas em campanhas, mas também durante as marchas vitoriosas.

Em seu *Libro della arte della guerra*, Nicolau Maquiavel orientava que os oficiais deveriam emitir seus comandos através dos sons dos trompetes, pois com seu som penetrante e de grande volume poderia ser ouvido no pandemônio das batalhas. Maquiavel sugeria inclusive que o trompete da cavalaria tivesse um timbre diferente dos da infantaria, para não se confundir os combatentes (prática adotada até hoje, com o uso da corneta pela infantaria e do clarim pela cavalaria).

Os tambores e as flautas, especialmente os pífanos, eram mais empregados para dar disciplinas às marchas e deslocamentos da infantaria no campo de batalha. O uso da

música era de vital importância, pois dela dependia a vida de muitos soldados e mesmo o sucesso das batalhas. Como comandava ordens, se não fosse ouvida, ou pior, mal-entendida, poderia ser mais perigosa que o inimigo mesmo. A música transmitia sinais que deveriam ser ouvidos em meio ao fulgor da batalha. A voz dos trompetes e a cadência dos tambores deveriam ser claras e sem ambigüidades, pois eram vitais para o comando e o controle. Com isso, muitas forças armadas criaram padrões musicais que se tornaram convenções para suas forças, como meio de comunicação. Um manual de música militar da metade do século XVI lista uma série de seqüências musicais identificadas como: “marchar”, “aproximar”, “assaltar”, “retirar”, “escaramuçar”, entre outras. Assim, estes sinais deveriam ser memorizados pela tropa, pois eles garantiriam a mobilização, a ação e a vitória. E desta necessidade que surgem os toques de ordem unida empregados hoje pelos exércitos regulares.

Durante o dia a movimentação de um tropa, com suas cores e bandeiras, facilmente era identificável, no entanto, no meio do fogo da batalha quando tudo se tornava obscuro, a música marcial era o que identificava o amigo ou o inimigo. Assim a música também se tornou em uma arma. Na Guerra dos Trinta Anos um grupamento alemão afastou seus oponentes executando a “Scots March”, a marcha dos escoceses. Também na Batalha de Oudenarde em 1708, as forças aliadas (Ingleses, holandeses e austríacos) executaram o toque de retirada dos franceses tão convincentemente que parte das tropas francesas abandonou o campo de batalha, garantindo o sucesso dos aliados.

No século XVI em quase todos os países ocidentais a música de infantaria constava principalmente do tambor e do pífano. Ainda hoje há bandas militares do Exército Americano que conservam a tradição desta formação de Pífanos, com tambores e *Bugles* (um tipo de trompete natural incluído posteriormente na tropa). Os escoceses incluíam a cornamussa e os franceses, durante o reinado de Luis XIII, incluíram o oboé, a cornamussa e a musete, chamando a esta formação de *sonerie militaire*.

Já a terminologia Banda Militar aparece pela primeira vez apenas em 1678 na Inglaterra. Até então o que se havia, como já ressaltado, desde a Antiguidade Clássica eram músicos nas tropas. Na França, país de grande tradição de música militar, já havia os músicos das companhias dos Mosqueteiros com flautins e trompetes, substituídos em 1663 pelo oboé. Mas em 1762 se constitui nas Guardas Francesas a primeira orquestra militar, reunindo clarinetas, oboés, trompas e fagotes, além dos trompetes e dos tambores. Desde então os corpos de música militar não cessaram de se desenvolver e multiplicar, modificando a instrumentação e criando um repertório próprio. O que

conhecemos hoje como bandas militares é resultado portando de uma longa tradição de retiradas e acréscimo de instrumentos.

Napoleão valorizava tanto esta formação que foi quem deu status diferenciado para os músicos na tropa. Para ele as máscaras harmonias inspiravam audácia e coragem aos soldados. Na Mogúncia, em 1813 escreveu a seu ministro da Guerra: “Passei em revista vários regimentos que não tinham banda. Isto é intolerável! Apresse-se em enviá-las”.

As bandas então, como já apontado acima, tiveram uma constituição diferenciada nos diferentes países, em função das características culturais de cada povo, bem como variaram com o tempo, adquirindo novos instrumentos em sua composição e também adaptando o seu repertório às necessidades do uso. As últimas grandes transformações operadas nas estruturas das bandas militares ocorreu com as novas descobertas instrumentais do séc. XIX: a família dos sax-horns e a dos saxofones, que mudaram definitivamente a estrutura das bandas.

Sobre a constituição das bandas SINZIG em seu Dicionário de Música, nos dá as seguintes informações:

No princípio do século 18, os instr. mús. militares eram charamelas, cornetas, clarins, trompas, fagotes, serpentões, pífanos e tambores; isto da infantaria; a cavalaria trotava ou galopava somente ao som de trombetas e atabales. Mais tarde as charamelas foram substituídas por clarinetes e oboés, juntando-se-lhes também os tambores.¹

Como já dito, estes instrumentos sofreram alterações e muitos desapareceram com o passar dos tempos. As trompas, clarins e cornetas, após a invenção dos pistões, em 1815 passaram a fazer a escala cromática, ganhando melhores possibilidades; o serpentão foi substituído pela oficleide, que por sua vez desapareceu após as invenções do belga Adolf Sax (1814-1894), que criou uma família de instrumentos, reformulando toda a constituição das bandas. Atualmente, com pequenas variações, as bandas apresentam a seguinte instrumentação: requinta, clarinete, flautim, flauta, trompete (também chamado de pistom), *bugles*, trombone, bombardino, bombardino barítono, saxofone alto, tenor e soprano, sax-horn (chamado em alguns lugares de “centro” em virtude de seu papel na música), tuba, caixa clara (ou tarol), bombo, caixa surda e pratos. Em algumas bandas vê-se ainda o oboé, o clarone e o fagote.

De qualquer forma, é preciso notar que em virtude de terem que tocar muitas vezes em marchas conduzindo, motivando e disciplinando-as, as bandas militares adotaram

¹ SINZIG, Pedro. Dicionário Musical. Rio de Janeiro: Kosmos, 1947. p 75.

uma instrumentação que tem uma intensidade sonora significativa, com instrumentos facilmente conduzíveis em deslocamentos.

As bandas militares no Brasil

Os músicos militares, sempre desempenharam um papel muito amplo em toda a sociedade brasileira desde os tempos coloniais e principalmente após a decadência da exploração de ouro. Durante os anos de maior esplendor aurífero, especialmente em Minas Gerais e por extensão na sede governamental, o Rio de Janeiro, um grande número de músicos militares atuava em orquestras principalmente para o serviço religioso. Como no Brasil, nos tempos da Colônia, existiam os músicos das tropas, tanto de infantaria como de cavalaria, estes não limitavam seu trabalho musical à música militar. Exemplo maior entre estes é o de Francisco Gomes da Rocha, famoso compositor e Timbaleiro de profissão (tocava fagote também). Seu nome aparece em diversos registros em Minas Gerais como músico militar.

Pode-se dizer que a primeira banda militar brasileira, assim organizada como conjunto, se apresenta em 1808 com a vinda da família real para o Brasil, quando chega com esta a “Música Marcial da Brigada Real da Marinha” de Portugal, que depois vai dar origem a Banda dos Fuzileiros Navais. Ainda no esteio de reorganização das instituições após a chegada do Rei, foram criadas em 1810 as bandas para os regimentos de infantaria e cavalaria da corte. Há que se ressaltar o apoio de D Pedro I às bandas de música, já que este mesmo era compositor e fagotista.

Com a decadência do ouro no século XIX toda a pompa e brilho do cerimonial religioso viram-se diminuídos, como em todos os setores da sociedade. Já não havia mais tanto dinheiro para o pagamento dos serviços musicais, o que provoca uma diminuição no número de instrumentistas, aliada à dificuldade de formação de orquestras - isto tudo ligado a uma nova organização social com a criação de novas bandas civis, formadas, a princípio, por músicos militares. Estas bandas assumiram como herança o serviço eclesiástico antes executado pelas orquestras (prova disto é o fato de se encontrar transcrições para banda de composições feitas anteriormente para orquestras). Os músicos cumpriam assim suas funções militares e mais as sociais.

A partir daí começam a surgir as bandas civis e encontram grande proliferação no fim do século XIX, quando, quase sempre, formam-se duas em cada povoado. Ostentando nomes iniciados em geral por “Lira”, “Filarmônica”, “Associação”, “Corporação” ou mesmo “Banda”, com uniformes que lembram o dos militares e com os

tradicionais quepes, as bandas de cada cidade concorriam entre si. Rara era a localidade que não as possuía. Tocam as bandas nas procissões, funerais, festas do padroeiro, na Semana Santa e outras festas religiosas bem como nas comemorações cívicas, mais acentuadas a partir da proclamação da Independência, ocupando assim amplo espaço na sociedade.

Há que se falar ainda no papel de formadora de músicos que as bandas desempenhavam. A maioria dos instrumentistas das bandas não freqüentava escolas de música ou conservatórios, sua formação era essencialmente nas próprias bandas, onde entravam ainda criança, na maioria dos casos, e aprendiam a “ler música” e tocar um ou algumas vezes vários instrumentos e destas bandas civis muitas vezes seguiam para as bandas militares, modelo de qualidade musical, mantendo assim um vínculo de tradição e de história. Este quadro nos mostra a abrangência social desempenhada pelas bandas de música e pelos músicos militares na sociedade brasileira.

Até hoje as bandas militares continuam alimentando a sociedade brasileira com boa música e bons músicos, recebendo jovens instrumentistas que encontram no Exército a possibilidade de se realizarem profissionalmente como músicos e se dedicarem a uma das mais antigas tradições militares e também brasileiras. Muitos desses músicos, que aprenderam a tocar seu instrumento em uma banda civil ou em uma igreja, solidariamente dedicam seu tempo livre a ensinar outros jovens e também a tocar em diversas circunstâncias sociais e religiosas, dando mais um exemplo da dinamicidade das tradições.

Lamentavelmente o número de bandas musicais civis cai a cada ano consideravelmente no Brasil. Em um ambiente cultural de consumo rápido e importação de valores alheios, velhas tradições como as bandas sofrem seus danos. Neste caso, são as forças armadas quem garantem uma importante continuidade deste elemento marcante da cultura brasileira, fazendo das bandas atuais e ao mesmo tempo guardiãs das mais antigas tradições marciais.

A Riqueza da Música Militar

Diferentemente de outros grupos musicais, as bandas militares têm um compromisso duplo. Um com a música enquanto arte, como mantenedores e atualizadores da prática de música de banda, mostrando um repertório que demonstre sua atualidade e capacidade de sobrevivência no tempo. Outro com a tradição da música militar, construída na história militar mesma, como já apontamos acima. As bandas

militares são os conjuntos que por excelência devem executar a música militar com garbo, beleza e zelo. Aquela música militar capaz de mover o espírito das tropas, conduzi-las, anima-las. Ainda que toque com beleza e qualidade, características sempre marcantes das bandas militares brasileiras, composições populares e modernas, arrançadas para as bandas, estas não podem descuidar do repertório tradicional das bandas, repertório este que já entrou para a memória musical afetiva do brasileiro, que se alegra ao ouvir um dobrado ou uma marcha.

Muitas vezes vemos músicos que, por descuido ou desconhecimento, desmerecem a música militar. Outros ainda que, por terem que cotidianamente executar dobrados ou marchas já não conseguem ver a beleza destas músicas. Ou ainda há aqueles que pensam que ao povo não gosta a música militar. Pois para todos é preciso dizer que a música militar sempre encontrou uma ressonância imensa entre os compositores e sobre as audiências.

Muitos dos compositores chamados de “clássicos” escreveram para banda militar e muitos destes foram mesmo músicos militares. O exemplo maior é do russo Rimsky-Korsakov, que foi músico da marinha russa e escreveu diversas composições para bandas militares, dentre as quais se destacam suas duas suítes para trombone e banda e seu concerto para corne-inglês e banda. O húngaro Franz Lehár foi outro que foi músico militar e escreveu para esta formação (até hoje muitas bandas tocam a fantasia sobre sua opereta “A viúva Alegre”). Ludwig van Beethoven e Carl Maria von Weber escreveram ambos também uma Marcha para banda militar. Felix Mendelssohn Bartholdy escreveu uma *Ouverture für Harmoniemusik op. 24* e *Trauermarsch* para banda de música e já no século XX o inglês Gustav Holst escreveu duas suítes para banda militar e Paul Hindemith escreveu. *Creole Suíte; Brockhaven* e *March in B flat from music for Band 1927*. Além destes, também escreveram para esta formação: Barber, Grieg, Honegger, Charles Ives, Palmer, Prokofiev, Richard Strauss e Gottschalk, autor ainda da famosa fantasia para piano sobre o Hino Nacional Brasileiro.

Sob inspiração militar não podemos nos esquecer de diversas outras composições, entre elas um grande número de Richard Wagner, a conhecida Marcha Militar de Schubert e a *Abertura 1812* do russo Peter Tschaikovsky, composição que utiliza trechos do hino nacional francês, a *Marseillaise*, e como instrumentação acrescenta o uso de canhões para descrever uma batalha.

E por falar em hinos nacionais, é importante acentuar que suas origens estão na música militar, ou melhor, na execução de uma música militar que fosse reconhecida como evidente de um país, seu símbolo e identificação. Aqui também muitos

compositores clássicos contribuíram e o mais conhecido destes casos é o Hino Nacional Alemão, que é uma melodia de Joseph Haydn.

No Brasil este contexto não é diferente. Nosso hino nacional é de autoria de um dos mais insígnios compositores do século XIX, Francisco Manuel da Silva, que deixou um outro grande número de composições. Além de Francisco Manuel, diversos outros compositores brasileiros escreveram músicas para bandas militares e deixaram um rico patrimônio para esta formação. Villa-Lobos tem sua conhecida “Invocação em Defesa da Pátria” em versão para banda, para todas as óperas de Carlos Gomes há uma fantasia para banda de música (a propósito, Carlos Gomes iniciou seus estudos de música em uma banda). Outro que escreveu muito para banda de música foi o autor do Hino a Bandeira, Francisco Braga, que também foi músico militar. Dele temos talvez o mais conhecido dobrado militar brasileiro, o “Barão do Rio Branco”. Em virtude da profusão de sua produção para Banda, ganhou a alcunha de “Chico dos Dobrados”. Grande parte dessas obras de Braga encontra-se silenciadas em arquivos, sujeitas ao risco do desaparecimento. Outra composição extremamente conhecida no meio militar do Brasil é a canção “Fibra de Heróis”, de Guerra Peixe. Isto apenas em um levantamento parcial e não sistemático.

Qualquer um que visite alguma banda das Forças Armadas Brasileiras encontrará um acervo rico em composições para banda militar e também excelentes músicos, hábeis em executar esta música com dedicação. É necessário porém que não se caia na tentação de quereremos sempre e apenas as novidades da moda e que se busque uma prática de conservação deste acervo importantíssimo da música brasileira. É importante lembrar que esta conservação passa por vários aspectos. Um deles material, que diz respeito a conservação do arquivo propriamente dito. Não se pode permitir que documentos de música e partituras fiquem sujeitos ao tempo e aos insetos sob pena de em breve ter-se deixado desaparecer parte considerável do rico patrimônio musical militar brasileiro. Mais que uma questão de dinheiro (pequenas e econômicas ações são profundamente eficazes na conservação), trata-se de uma questão de mentalidade e cultura histórica. O mal maior é ainda o desconhecimento, a facilidade com que se esquece e o menosprezo pela tradição.

Urge uma catalogação mais sistemática deste patrimônio material, com vistas a se elaborar uma sólida história da música militar no Brasil, uma história não mais afeita a anedotários ou narração de episódios, mas capaz de mapear a produção musical militar brasileira no contexto amplo da música no país e neste sentido reencontrar-se verdadeiras preciosidades musicais. Uma história que seja capaz de dar o lugar merecido

a compositores e maestros grandiosos que ainda não receberam a devida atenção da historiografia musical.

Em complemento, a publicação de edições modernas das partituras mais significativas deste repertório, seja em formato de livro, seja de maneira eletrônica, colocando-as disponíveis a todas as bandas que queiram executar estas músicas, seria um passo de profunda importância, pois garantiria a sobrevivência deste material musical e fazer com que o mesmo também gere outros frutos, em estudos musicológicos, ou mesmo como inspiração de novos compositores.

Cuidar ainda da formação do músico militar, para que este se sinta verdadeiro representante de uma tradição valorosa, para que se sinta orgulhoso de sua função e especialista em um repertório específico e importante. Eis um pensamento estratégico que cuidará de uma memória cultural do Brasil e não permitirá o silêncio da ignorância sobre o passado musical militar brasileiro.

